

DA ECONOMIA URBANO-INDUSTRIAL À ECONOMIA METROPOLITANO-FINANCEIRA

from urban-industrial economy to metropolitan-financial economy

Eudes Leopoldo *

Resumo

O primado da dimensão metropolitana simultânea à dominação da esfera financeira revoluciona o espaço social e determina novas formas e conteúdos à sociedade. Assim, há um novo processo de organização produtiva e regional: a economia metropolitano-financeira. Diante dessa hipótese, o espaço em transição põe o imperativo da renovação, negação e superação das categorias e conceitos: da cidade à metrópole, da urbanização à metropolização, do industrial ao financeiro, da forma urbana à forma metropolitana. Verifica-se que a forma metropolitana diz respeito à rede, integração e conexão, que nega e reafirma a aglomeração, reunião e encontro, iluminando novas simultaneidades, que não apagam as anteriores, mas as confrontam, convergem-se. A Geografia urbana necessita avançar no campo teórico e prático da metropolização e financeirização do mundo, em busca das novas determinações do espaço postas pela época metropolitano-financeira em desenvolvimento.

Palavras-chave: Época metropolitano-financeira; Metropolização do Espaço; Rede; Conexão; Integração.

Abstract

The primacy of the metropolitan dimension simultaneously to the domination of the financial sphere revolutionizes social space and determines new forms and content to society. Thus, there is a new process of production and regional organization: the metropolitan-financial economy. Given this hypothesis, the space in transition places the imperative on renewal, denial and overcoming categories and concepts: from the city to the metropolis, from urbanization to metropolization, from industrial to financial, from the urban form to the metropolitan form. It is verified that the metropolitan form concerns the network, integration and connection; it denies and reaffirms agglomeration, gathering and meeting, shining light on new simultaneities, which do not erase previous forms, but face them, to converge. Urban Geography needs to advance in the theoretical and practical field of the metropolization and financialization of the world, in search of the new determinations of space posed by the metropolitan-financial era under development.

Key words: Metropolitan-financial era; Metropolization of Space; Network; Connection; Integration.

Resumen

A primacía de la dimensión metropolitana simultánea a la dominación de la esfera financiera revoluciona el espacio social e impone nuevas formas y contenidos para la sociedad. Por lo tanto, hay un nuevo proceso de organización productiva y regional: la economía metropolitano-financiera. Dada esta hipótesis, el espacio en transición pone el imperativo de la renovación, negación y superación de categorías y conceptos: de la ciudad a la metrópolis, de la urbanización a la metropolización, del industrial al financiero, de la forma urbana a la forma metropolitana. En esta dirección, la forma metropolitana se relaciona a la red, integración y conexión, que niega y reafirma la aglomeración, reunión y encuentro, iluminando nuevas simultaneidades, que no borran las anteriores, pero confrontan-las, convergen-se. Geografía urbana necesita avanzar en el campo teórico y práctico de la metropolización y financiarización del mundo en busca de las nuevas determinaciones del espacio planteadas por el desarrollo de la época metropolitano-financiera.

Palabras clave: Época metropolitano-financiera; Metropolización del espacio; Red; Conexión; Integración.

(*) Doutorando na Universidade Estadual de São Paulo - Avenida Prof. Lineu Prestes, 338, CEP: 05508080 - São Paulo, (SP), Brasil. Tel: (+55 11) 30913769 - eudesleopoldos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nunca antes na geografia e história global a sensação de ter o mundo na palma da mão foi tão forte. Os avanços tecnológicos no domínio dos sistemas de informação e meios de transportes, bem como as promessas efetivas de ligação suprassensível entre indivíduos (interface cérebro-cérebro, chips neurológicos), automatização do meio (internet das coisas) e novas experiências cotidianas (o sexto sentido artificial, óculos futuristas integrados à internet), conduzem o homem a uma nova composição da simultaneidade espacial.

Hoje, aquilo que David Harvey (1989) chamou de “compressão espaço-tempo” e Milton Santos ([1996] 2000), mais tarde, denominou “convergência dos momentos” é o fundamento da nova relação sociedade-espaço, que estabelece a “forma da simultaneidade”, de que falava Henri Lefebvre ([1968] 2001), com muito mais intensidade e profundidade do que há meio século. O aniquilamento da hierarquia urbana clássica e o acirramento das trocas nas e entre as redes de cidades e centralidades pela “implosão-explosão da metrópole” (LEOPOLDO, 2013a) revela e aponta para o espaço em transição. Esse cenário determina a condição metropolitana como presente (atualidade histórica) e “horizonte” (limite e possibilidade) da nova produção do espaço, que estabelece a rede, a conexão e a integração como formas espaciais de segundo grau.

A urbanização da sociedade avançou por todas as latitudes e longitudes do planeta e abriu caminhos para a emergência concreta da metropolização do espaço. Concepções metropolitanas do planejamento urbano e regional (Nova York e Londres em meados do século passado), políticas do espaço de desconcentração metropolitana e desenvolvimento de metrópoles (França e Brasil nos anos 60 e 70), construção de ilhas artificiais (Dubai nos Emirados Árabes, Miami e Balboa nos EUA, Bahrein, Catar, Kuwait), cidades-fantasma chinesas (Tianducheng, Zhengdong New Area, Kangbashi New Area), falência de cidades americanas (Detroit, San Bernardino, Orange County, Harrisburg) e febre dos condomínios fechados e bairros planejados evidenciam que somente a produção do espaço urbano não é suficiente para as novas estratégias de acumulação do capital.

Um novo momento da produção do espaço precisava nascer para permitir a aceleração do “tempo de giro do capital” e a promoção, atualização e renovação da urbanização. Assim, a metropolização surge como fonte inesgotável de modernização do modo de produção capitalista, permitindo um aumento do alcance do controle do território e a formação de uma nova política do espaço. A metropolização é a “reprodução ampliada da metrópole” (LEOPOLDO, 2013a), a colonização da urbanização. Assim, alcança-se no século XXI a consolidação em dupla potência do poder das metrópoles e suas regiões metropolitanas. Desse modo, emerge a forma metropolitana (rede, integração, conexão), que nega, mas não apaga, a forma urbana (aglomeração, reunião, encontro).

As marcas, indícios e desdobramentos do metropolitano estão por toda parte. “Condomínios fechados, shopping centers, redes metropolitanas de transportes, condomínios empresariais, bairros planejados, hipermercados, condomínios fechados e outros marcam a materialidade da economia política da metropolização” (LEOPOLDO, 2014a, p. 84). Partimos da ideia de que a metropolização envolve, de um lado, a centralização do capital nos grandes centros metropolitanos e, de outro, a difusão dos conteúdos metropolitanos para além das metrópoles e seus espaços metropolitanos.

A mudança de orientação da produção do espaço (da urbanização à metropolização) está diretamente atrelada aos novos espectros do processo predominante do capitalismo mundial: a financeirização da economia. A tese aqui defendida é que passamos da economia urbano-industrial à economia metropolitano-financeira, determinando uma nova época (LEOPOLDO, 2014a e 2014b). Trata-se da época metropolitano-financeira.

Diante dos novos desafios do mundo moderno, impõem-se novas concepções e questões à Geografia Urbana. Desse modo, o pensamento geográfico sobre a cidade e o urbano é convidado a atualizar-se, na busca de captar o espaço em transição e suas novas determinações. Os trabalhos empíricos da Geografia Urbana, que virou tradição nessa corrente especializada, precisam caminhar em conjunto com a renovação teórica, caso contrário estaremos fadados a sermos meros replicadores



de ideias. Na perspectiva de provocar o debate na Geografia Urbana e para além dela, realizamos o exercício de compreender o universal e a diferença do mundo contemporâneo, fundado em pesquisas práticas e abordagens críticas.

DA ECONOMIA URBANO-INDUSTRIAL À ECONOMIA METROPOLITANO-FINANCEIRA

Henri Lefebvre (1972), no livro *A Revolução Urbana*, utiliza a periodização histórica para falar da emergência da “sociedade urbana”, que ilumina um novo mundo de contradições. Haveria três períodos convergentes, contrapostos, justapostos: a era agrária, a era industrial e a era urbana. Segundo Lefebvre (1972), o urbano constitui-se, na medida em que é descoberto e revelado, tornando-se ao mesmo tempo real e virtual, com o predomínio concreto e utópico da reunião e do encontro.

Já na obra *A Condição Pós-moderna*, David Harvey (1989) envereda para uma concepção geoeconômica da transição, com base heurística na escola da regulação. Segundo o eminente geógrafo, o século XX assistiu a passagem do fordismo à acumulação flexível, trajetória com intensas metamorfoses no modo de vida, organização do trabalho, relação estado e mercado. Harvey constata a “compressão espaço-tempo” como determinação do mundo contemporâneo, que desafia as experiências da vida cotidiana.

Por sua vez, Milton Santos ([1996] 2000), em *A Natureza do Espaço*, periodiza a geografia e a história a partir da tríade: meio natural, meio técnico, meio técnico-científico-informacional. O império das novas variáveis sociais cada vez mais técnicas, científicas e informacionais transforma o espaço-tempo, desde os tempos mais remotos, quando o homem ainda tem certa relação de subordinação à natureza. Para o geógrafo brasileiro, o nexos fundamental é a técnica, que é a principal forma de relação entre o homem e a natureza, a sociedade e o meio.

Essas concepções históricas e geográficas da cronologia e corografia universal ratificam uma transformação radical do capitalismo na segunda metade do século XX. De uma forma ou de outra, avança-se sobre a compreensão dos momentos predominantes do espaço-tempo social. Entretanto, apontamos a necessidade de, diante de nosso tempo, propor um novo modo de conhecimento da periodização da história e geografia mundial, a partir do predomínio dos seguintes momentos de produção: economia agrário-comercial, economia urbano-industrial, economia metropolitano-financeira. Cada uma compõe uma época específica, que emerge de uma ruptura radical com a anterior, conservando permanências e marcas.

Na literatura oficial é recorrente a perspectiva de uma passagem de uma economia agrário-comercial à economia urbano-industrial. Contudo, a transição da economia urbano-industrial à um novo momento, a economia metropolitano-financeira, não mereceu um tratamento mais detalhado. Não há uma compreensão mais acabada dos termos do que estamos denominando de economia metropolitano-financeira. De acordo com as interpretações, parece que ainda vivemos sob o predomínio da economia urbano-industrial, mesmo que as novas formas e conteúdos dos processos em desenvolvimento, elucidados por essas mesmas leituras, apontem para uma nova configuração espaço-temporal, uma nova simultaneidade.

A economia metropolitano-financeira é uma nova fronteira capitalista, um novo momento articulado e convergente à economia agrário-comercial e economia urbano-industrial. Ela domina, mas mantém traços, processos e contradições vinculadas às economias precedentes. Cada uma dessas economias determina meios para suas respectivas sociedades e mobiliza espaços e tempos de seu presente histórico e geográfico. Cada economia só se resolve com e em seu espaço.

O espaço é a simultaneidade das relações sociais de produção. Não é um mero terreno onde se realiza a história. Ele mesmo é a própria história em movimento. Como cada economia determina um espaço e um tempo, iluminando processos de produção e reprodução específicos, podemos falar de períodos, eras, épocas, momentos, que não são pensados como etapas cindidas e separadas. Cada período dialoga com seu precedente e sua posterioridade.



A economia agrário-comercial determinou uma época. De fato, o capitalismo consolida-se com as trocas comerciais. Nesse movimento, o intercâmbio de produtos agrícolas e metais preciosos além-mar permitiu a consolidação de centros de acumulação europeus e a intensa exploração do trabalho nas colônias americanas, africanas e asiáticas. Nessa dinâmica, as cidades estabelecem-se como lugar de realização do excedente agrícola e centro administrativo e comercial. Conforme Marx ([1867] 1985), o capital começa sua verdadeira saga nesse momento, no século XVI, de profundas mudanças nas estruturas econômicas, na emergência do capitalismo.

A época agrário-comercial é fortemente vinculada à incorporação subordinada de um novo continente à lógica capitalista: a América Latina. Nas palavras de Quijano, (2005, p. 9) “a América Latina foi tanto o espaço original como o tempo inaugural do período histórico e do mundo que ainda habitamos, a primeira entidade/identidade histórica do atual sistema-mundo colonial/moderno e de todo o período da modernidade”. Na mesma direção, porém com uma leitura da regionalização metropolitana da produção do espaço mundial, propomos a ideia de uma “metropolização transatlântica primitiva, a base da relação hierárquica entre as metrópoles europeias e suas colônias (lideradas pelas cidades latino-americanas)” (LEOPOLDO, 2013b, p. 4), como o fundamento geopolítico da época agrário-comercial.

Portanto, a dinâmica elementar da metropolização como concentração está presente desde a origem do capitalismo e desdobra-se nos demais momentos históricos e geográficos. Na época urbano-industrial, que inicia-se nos séculos XVIII e XIX, o sentido da metropolização como concentração avança com a continuação do foco na Europa, mais tarde deslocado para os Estados Unidos. Enquanto que as cidades comerciais europeias e americanas tornam-se cada vez mais cidades industriais, as cidades periféricas continuam a figurar como pontos de comercialização e exportação de produtos agrícolas e minerais.

Aos poucos, as cidades periféricas ampliam a sua industrialização e urbanização. No capitalismo periférico, esses processos são vinculados às políticas de concentração, no sentido do fortalecimento de determinadas regiões do território nacional. As metrópoles periféricas nascem coroadas por favelas, onde passam a residir a mão-de-obra assalariada (expropriada dos meios de produção do campo), demandada pelas fábricas em operação e em instalação. O processo concomitante de industrialização e urbanização modifica o modo de vida, o cotidiano e as relações sociais de produção, expandindo os processos propriamente capitalistas pelo mundo. Novas tecnologias, meios de transporte e de comunicação fermentam a nova relação sociedade-espaço fundada na economia urbano-industrial.

No final da primeira metade do século XX, atinge-se o ápice da economia urbano-industrial, com a difusão dos ideais americanos de consumo, avanços tecnológicos e crescimento da ciência aplicada. Nesse momento, sobre as ruínas e inovações deixadas pelo término da Segunda Guerra Mundial, pela primeira vez emerge uma concepção integrada do espaço metropolitano: a Região Metropolitana de Nova York, pensada por Robert Moses de modo interligado, segundo Harvey (1989).

A transição do predomínio da economia urbano-industrial à economia metropolitano-financeira se circunscreve ao período entre a emergência concreta do espaço metropolitano capitalista nos EUA em meados do século passado até as políticas de desconcentração metropolitana nos países periféricos nas décadas de 1970 e 1980. A desregulamentação da esfera financeira e as políticas neoliberais mobilizam novas estratégias do capital pela via da metropolização do espaço.

A metropolização como política do espaço instaura novas determinações em todos os domínios da reprodução das relações sociais de produção. A esfera financeira torna-se mais densa e a reestruturação produtiva mobiliza novas tecnologias e insumos, abalando as estruturas da produção do valor. Ao mesmo tempo, a informação midiática turbina as formas de alienação. Nesse compasso, abrem-se as portas para a época metropolitano-financeira e suas novas contradições do espaço.



O ESPAÇO EM TRANSIÇÃO: REDE, CONEXÃO E INTEGRAÇÃO

Na época metropolitano-financeira, as metamorfoses em todas as esferas da vida repercutem com intensidade nos modos de vida, produção do ecúmeno e comunicação humana. As formas de produção da sociedade e do espaço modificam-se intensamente. A integração, a conexão e a rede passam a definir a simultaneidade das relações sociais na contemporaneidade e a nova composição concreta e abstrata do espaço.

O modo como o sistema de metrô se organiza e se instala nas regiões metropolitanas ilustra a maneira diferenciada com que a integração, conexão e rede se estabelecem. Data de 1863 o primeiro sistema de metrô do mundo em operação na metrópole de Londres, que em seguida foi ampliado para a região metropolitana e outras cidades inglesas. Nesse momento, o sistema de metrô ilumina o espaço metropolitano. Mas, concretamente, como vimos, o espaço metropolitano só vem à luz no pós-guerra com a concepção integrada da Região Metropolitana de Nova York, consolidando-se posteriormente como uma condição social e produtiva para além do espaço urbano.

Se pensarmos o espaço metropolitano a partir da constituição e expansão da metrópole ou “cidade-mãe”, podemos inferir que ele estava presente-ausente de algum modo em outros momentos históricos, como na “rede urbana” grega. Contudo, somente na segunda metade do século XIX, o sistema de metrô anuncia o espaço metropolitano como necessidade real e utópica da emergência de um novo mundo e de uma nova ordem. No entanto, é no “planejamento metropolitano integrado” de Nova York que o espaço metropolitano, quase um século depois, ganha seus contornos mais radicais.

A adoção e incorporação internacional da rede de metrô ou melhor da “rede metropolitana integrada de transporte” produz algumas condições necessárias à expansão da metropolização mundial. A rede introduz a estrutura reticular convergente, que permite o diálogo entre lugares distantes. A partir do núcleo da rede é estabelecida linhas e nós que se articulam com todos os pontos próximos ou remotos. A rede cobre socialmente uma extensão mais ampla. Assim, torna-se possível a policentralidade avançada e a reprodução ampliada da metrópole, isto é, a produção do espaço metropolitano.

Deste modo, a rede libera a aglomeração urbana a chegar em um outro nível: a região metropolitana. A aglomeração é transformada em rede, que se resolve na convergência de uma reunião de cidades. Diversas aglomerações integradas produzem uma rede metropolitana. Na medida em que a trama metropolitana avança sobre as cidades, centralidades e espaços vizinhos e longínquos, ampliando a rede, a metrópole transforma-se em si e para si. A trama metropolitana se constitui como unidade contraditória de tecidos urbanos.

Nessa dinâmica, a integração atua no movimento de articulação dos espaços, fomentando ligações e adesões à lógica da metrópole e da trama metropolitana. Como no sistema de metrô, onde cada estação vai integrando determinados lugares à trama metropolitana, a integração é a combinação dos espaços de modo serial.

A integração efetiva a conjunção necessária entre espaços, centralidades e cidades vinculadas à lógica da metrópole e condiciona a produção do espaço metropolitano. A integração tanto se efetiva numa escala simples, como no caso da Região Metropolitana de Fortaleza, quanto numa escala complexa, como no caso da cidade-região São Paulo. Na primeira situação, a integração se constitui como “rede de centralidades” (LEOPOLDO, 2013a) e, na segunda, como rede de regiões metropolitanas. Assim, podemos falar de integração metropolitana complexa e integração metropolitana simples.

Desse modo, a reunião se nega e se realiza como integração reunida. Como momento particular determinado pela transição da forma urbana à forma metropolitana. A integração como unidade de momentos aglutinadores de espaços urbanos à uma totalidade metropolitana indica conexões espaciais. No sistema de metrô, algumas estações integradas permitem conexões com outras linhas da rede. Cada conexão permite atalhos, desvios, encontros, caminhos. Os encontros possíveis se multiplicam com as novas conexões em todas as direções do espaço metropolitano, que vai para



além da região metropolitana instituída pelo Estado. O espaço metropolitano é a simultaneidade contraditória das relações sociais de produção integradas em rede via conexões territoriais.

Pela integração e conexão, as diversas latitudes e longitudes do espaço metropolitano são ligadas em rede. Os vínculos espaciais e temporais com as novas tecnologias de comunicação e transporte ao nível mundial, a globalização financeira e a formação do mercado global fecundam uma rede metropolitana universal pela via da integração e conexão internacional das lógicas e processos das metrópoles e tramas metropolitanas. Nesse compasso, Sassen (1996, p. 212) fala que

de fato, a globalização econômica se estende para além das fronteiras do Estado-nação. Isto é particularmente evidente nos principais setores econômicos. Os sistemas atuais de governança e prestação de contas para atividades econômicas transnacionais e os atores ficam muito desgovernados, quando se trata dessas indústrias. Mercados globais em finanças e serviços avançados operam em parte através de um guarda-chuva de “regulação” que não é centrado no estado, mas é centrado no mercado. A nova geografia da centralidade é transnacional.

Por isso, a nova geografia dos espaços metropolitanos é transnacional, mas é também nacional e regional. As integrações e conexões em rede são realizadas em todas as escalas geográficas com intensidades diferentes entre as metrópoles e seus espaços metropolitanos. A economia metropolitano-financeira ilumina novas possibilidades no plano mundial, mas também nas articulações e especificidades com e nos níveis nacionais e regionais.

A compreensão da relação entre o metropolitano e o financeiro no século XXI como um processo socioespacial constitui um grande desafio. De fato, a economia metropolitano-financeira não se encontra em todos os lugares com a mesma intensidade. Entretanto, caso sua presença aparentemente não se materialize, ela se encontra como determinação última, de modo virtual.

Cada vez mais as pessoas vivem em regiões metropolitanas, que concentram as principais atividades econômicas do mundo. Em 1990, existiam 10 regiões metropolitanas com mais de 10 milhões de habitantes e, hoje, elas foram quase triplicadas para 28 com 453 milhões de pessoas (ONU, 2014). Essas são os grandes centros financeiros que impõem a nova lógica de acumulação do capital. O movimento de metropolização se combina com a dinâmica de financeirização.

A metropolização do espaço e a financeirização da economia pavimentam um novo mundo sedimentado pela integração, disposto em conexão e clivado pela rede. Esse espaço-tempo dominado pela economia metropolitano-financeira, guarda em seu cerne as marcas da economia urbano-industrial e da economia agrário-comercial, constituindo-se uma simultaneidade intensa, dispersa e fragmentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada época afirma um espaço-tempo específico e dominante. Na época agrário-comercial, predominou um espaço-tempo agrário; na época urbano-industrial, um espaço-tempo urbano. Por sua vez, na época metropolitano-financeira, predomina o espaço-tempo metropolitano.

A época metropolitano-financeira apresenta a simultaneidade espacial como simultaneidade em rede, que demanda a integração e a conexão. Pois, a centralidade urbana se dispersa, ganha terreno para além dos limites territoriais da cidade, emerge então a policentralidade. No limite, pensando nos termos da “rede de cidades globais” (SASSEN, 1996) ou “rede de cidades-região globais” (SCOTT; AGNEW; SOJA; STORPER, 2001), podemos falar de uma transculturalidade. Portanto, a destruição criativa das centralidades, a intensa construção de policentralidades, a constituição de metrópoles globais em rede (transculturalidade) e a expansão mundial dos conteúdos metropolitanos é o desafio contínuo da metropolização do espaço.

A urbanização mundial alcançou suas últimas consequências. Suas aventuras serão ainda



amplamente experimentadas na geografia e história da humanidade. Contudo, vivemos hoje sobre o predomínio da metropolização como processo determinante da reprodução das relações sociais. Desse modo, a Geografia Urbana deve buscar compreender os sentidos teóricos e práticos desse novo mundo e cooperar na redescoberta do presente e futuro da sociedade metropolitana em gênese.

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Sandra Lencioni pela orientação intelectual permanente e ao Prof. Dr. Wayne Davies pela crítica propositiva sedimentada. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de estudos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMORA, Zenilde Baima. O espaço urbano cearense: breves considerações. In: AMORA, Z. B. (orgs.). **O Ceará: enfoques geográficos**. Fortaleza: FUNECE, 1999.
- CASTELLS, Manuel. Materials for an exploratory theory of the network society. **British Journal of Sociology**, nº 51, 2000.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Maritimidade nos Trópicos: por uma geografia do litoral**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- GOTTMANN, Jean. Megalopolis or the Urbanization of the Northeastern Seaboard. **Economic Geography**, vol. 33, nº 3, 1957.
- HARVEY, David. **The Condition of Postmodernity: an inquiry into the origins of cultural change**. New York: Blackwell, 1989.
- HARVEY, David. **The Enigma of Capital: and the crises of capitalism**. New York: Oxford, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **La revolución urbana**. São Paulo: Alianza, 1972.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. [1ª ed., 1968]. São Paulo: Centauro, 2001.
- LENCIONI, Sandra. Da Cidade e sua Região à Cidade-região. In: SILVA, José Bozarciello; LIMA, Luiz; ELIAS, Denise (orgs.). **Panorama da Geografia Brasileira I**. São Paulo: Annablume, 2006.
- LEOPOLDO, Eudes. From urbanisation to metropolisation: new concepts and questions open to Urban Geography. In: MIERZEJEWSKA, Lidia; PARYSEK, Jerzy. (orgs.). **Cities in a Complex World: problems, challenges and prospects**. Poznan: Bogucki Wydawnictwo Naukowe, 2014a.
- LEOPOLDO, Eudes. A Metropolização como Negócio: conceitos e determinações emergentes do processo de transição da urbanização à metropolização. In: **VI CIETA - Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales, 2014**, São Paulo. Anais do VI CIETA - Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales, São Paulo, 2014b.
- LEOPOLDO, Eudes. **Metropolização Litorânea: produção dos espaços dos lazeres e mercado imobiliário**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013a.
- LEOPOLDO, Eudes. A Metropolização Latino-americana: dinâmicas urbanas e redes de cidades no limiar do século XXI. In: **Anais do XIV EGAL – Encuentro de Geógrafos de América Latina**, Lima, 2013b.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Vol. I. [1ª ed., 1867]. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- ONU. **World Urbanization Prospects: the 2014 revision**. New York, 2014.
- PEREIRA, Paulo César Xavier. São Paulo: globalización y transición metropolitana. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica**, Universidad de Barcelona, 2008.
- QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos Avançados**, vol. 19, nº 55, 2005.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.



SANTOS, Milton. **La Naturaleza del Espacio**: técnica y tiempo, razón y emoción. [1ª ed., 1996]. Barcelona: Ariel, 2000.

SASSEN, Saskia. Whose city is it? globalization and the formation of new claims. **Public Culture**, n. 8, 1996.

SCOTT, Allen; AGNEW, John; SOJA, Edward; STORPER, Michael. Cidades-regiões globais. **Espaço & Debates**, nº 41, 2001.

SILVA, José Bozarccchiello da. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

Trabalho enviado em 6 de junho de 2016

Trabalho aceito em 8 de julho de 2016

